

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2021



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

30

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2021



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Bruno dos Santos, Catarina Pinto Fernandes, Joana Pinto Salvador Costa, Maria de Fátima Rosa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Revisão Editorial | Copy-Editing

Bruno dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elsa de Sousa (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Alberta), Loïc Borgies (Université Libre de Bruxelles), Maria Ana Valdez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra) Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério de Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svärd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Roehampton), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa).

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Antonio Laprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Trebolle (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Agnês García-Ventura (Universitat de Barcelona), Armando Bramanti (CCHS-CSIC), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Catarina Viegas (Universidade de Lisboa), Dávid Bartus (Eötvös Loránd University), David Hernandez de la Fuente (Universidad Complutense de Madrid), Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra), Giuseppe Minunno (Università di Genova / Università di Firenze), Gustavo Alberto Vivas García (Universidad de La Laguna), José Luís Brandão (Universidade de Coimbra), Jean-Pierre Levet (Université de Limoges), Juan Luis Montero Fenollós (Universidad de Coruña), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Mireia López-Bertran (Universitat de València), Pedro Albuquerque (Universidade de Lisboa), Ricardo Duarte (Universidade de Lisboa), Roberto Nardi (Centro di Conservazione Archeologica).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2021

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual

ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | www.centrodehistoria-flul.com/cadmo



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



This work is funded by national funds through FCT – Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 UN RILIEVO DALLA TOMBA MENFITA DI PTAHMES E LE TRATTATIVE FALLITE
PER LA VENDITA A LEOPOLDO II DELLA TERZA COLLEZIONE NIZZOLI

*A RELIEF FROM THE MEMPHITE TOMB OF PTAHMES AND THE FAILED
NEGOTIATIONS FOR THE SALE OF THE THIRD NIZZOLI COLLECTION TO LEOPOLD II*

Daniela Picchi

- 39 OS EPIGRAMAS FÚNEBRES DE GREGÓRIO DE NAZIANZA
Da Klea Andron à Arete Cristã

*THE FUNERAL EPIGRAMS OF GREGORY OF NAZIANZUS
From Klea Andron to Christian Arete*

Rita Codá

51 ESTUDOS

ARTICLES

- 53 O ESCORPIÃO COMO ANTIGA MANIFESTAÇÃO DIVINA
NA MESOPOTÂMIA:
A sua presença na glíptica do Diyala (c. 3150-2340 a.C.)

*THE SCORPION AS AN ANCIENT DIVINE MANIFESTATION IN MESOPOTAMIA:
Its presence in the Diyala glyptic (c. 3150-2340 a.C.)*

Vera Gonçalves e Isabel Gomes de Almeida

- 81 OS CITAS NAS HISTÓRIAS DE HERÓDOTO:
Identidade e nomoi

*THE SCYTHIAN IN HERODOTUS STORIES:
Identity and nomoi*

Rui Tavares de Faria

- 105 LA INCORPORACIÓN DEL ELEFANTE DE GUERRA EN CARTAGO
THE INCORPORATION OF THE WAR ELEPHANT IN CARTHAGE

José Luis Alejo Martínez

- 123 STOICISM IN POWER:
Nero and his reflective enigmas
*ESTOICISMO NO PODER:
Nero e os seus enigmas reflexivos*
Carlotta Montagna
- 141 L'HYMNE ORPHIQUE À APOLLŌN
ET LA DATATION DES HYMNES ORPHIQUES:
Considérations archéoastronomiques et comparaisons égyptologiques
*THE ORPHIC HYMN TO APOLLO AND THE DATING OF THE ORPHIC HYMNS:
Archaeoastronomical considerations and egyptological comparisons*
Alicia Maravelia
- 191 CONTRIBUTION À LA CONNAISSANCE DE LA VILLE DE THALA NUMIDE:
Contexte géo-historique
*CONTRIBUTION TO THE KNOWLEDGE OF THE NUMIDIAN CITY OF THALA:
Geo-historical context*
Ouiza Ait Amara

217 NOTAS E COMENTÁRIOS
COMMENTS AND ESSAYS

221 RECENSÕES
REVIEWS

283 IN MEMORIAM

289 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO
JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

foi reconhecido pela ONU o carácter epidémico das violações e o seu uso recorrente como arma bélica, algo que se identifica com as prisioneiras troianas e que deve ser motivo de reflexão (p.110).

O último capítulo do livro, “*Infeliz Dido. Rainha de Cartago: vítima trágica del sistema patriarcal*” (p.113-38), desvia-se um pouco do fio condutor dos capítulos anteriores. É dado destaque a uma personagem feminina, Dido, a rainha de Cartago, e à forma como a existência de um sistema patriarcal a vitimizou. Escrito por Rosario Cortés Tovar, o texto que consta neste capítulo demonstra como a condição de mulher, apesar de influente, rica e poderosa, converte Dido numa vítima (p.135).

A escolha das referências bibliográficas, no fim de cada capítulo, para cada tema é útil e prática, sendo uma mais-valia para o acompanhamento da leitura. A existência de um índice onomástico é sempre um ponto positivo.

Em termos globais, o livro é cativante, de fácil leitura e pode até mesmo ser direccionado a leitores fora da comunidade científica. Do ponto de vista comercial o título da obra é muito chamativo. Contudo, poderia reflectir de uma forma mais personalizada o seu conteúdo, uma vez que é demasiado abrangente. Este facto permite ilações antes da sua leitura que não se coadunam com o respectivo texto. É necessário salvaguardar que o facto anterior em nada diminui a relevância e importância da obra.

As comparações efectuadas com acontecimentos do século XXI, particularmente nos textos de González e Gómez, não sucumbem ao anacronismo literal, mas aplicam uma metodologia clara e objectiva. São analisados acontecimentos numa sociedade com uma mentalidade de época, com eventos actuais. Os dois autores chamam a atenção do leitor, de forma brilhante, não só para uma problemática adjacente ao Mundo Antigo, mas também do tempo presente.

Esta publicação é apenas uma pequena possibilidade de estudo, num campo inexplorado na área da História Antiga, com impactos nos outros ramos da ciência e na sociedade hodierna.

Joana Pinto Salvador Costa

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

RICHARD STONEMAN (2019), *The Greek Experience of India. From Alexander to the Indo-Greeks*, Princeton/Oxford, Princeton University Press, 548 pp. ISBN 978-0-691-15403-9 (€30.00).

Esta obra procura dar uma continuidade considerável aos trabalhos anteriores do A. acerca dos encontros entre a cultura Grega e Indiana, e respectivos paralelos, em torno de Alexandre e dos seus historiadores. Tomando como eixo a *Índica* de Megástenes, abre-se a outros relatos e testa-os, quase sempre, contra a perspectiva indiana. Apresenta-nos, assim, os principais pontos de contacto entre as duas culturas e, tal como nos indica o título, a experiência grega da Índia, sem se apegar nem a uma visão nem a uma influência unilaterais dos Gregos sobre a Índia, percepção nem sempre fácil e que torna o trabalho ainda mais meritório. A cronologia escolhida vai de 326 a 135 a.C., da campanha militar de Alexandre até à morte de Menandro, ainda que se recorra, naturalmente, a fontes que ultrapassam em muito esta delimitação. A geografia enquadra-se quase exclusivamente entre o Indo e o Ganges, no norte da Índia, e sobretudo no reino Maurya, fundado por Candragupta,

com as expectáveis incursões ao Gandhāra e à Bactria. A arquitectura da obra é, recorrentemente, organizada como um guia, tanto de viagem, onde o A. também é guia *in loco*, quanto de citações do mais amplo leque de fontes, comparando sabiamente, diga-se, Megástenes e Conrad, por exemplo, e encontrando paralelos Medievais e Modernos para as fontes Antigas. É, no geral, uma obra densa em referências, mas muitíssimo bem escrita e agraciada, aqui e ali, por refinados comentários e sugestões que nos obrigam a repensar, com maior rigor, estes primeiros contactos. Merecem destaque nesta obra, a nosso ver, as considerações sobre a *Índica* de Megástenes e a coerência na análise dos paralelos épicos.

O livro está organizado em três partes, totalizando catorze capítulos. A primeira parte, sobre as primeiras impressões, começa por se dedicar à forma como, do Ocidente, se foi observando a Índia ao longo da História, numa ordem cronológica inversa, passando por autores Alemães, Ingleses, Portugueses, mas também Muçulmanos e, sobretudo, Gregos, incluindo aqueles anteriores a Alexandre como, *e.g.*, Cílix e Ctésias, usando-os como ponto de partida essencial mas também, seguindo Edward Said, para iluminar uma generalizada e helenocêntrica visão da Índia. Aqui, o A. argumenta ainda sobre o conhecimento grego do Vale do Ganges e de toda a costa indiana no final do séc. VI a.C. De seguida, dá-nos uma visão geral da viagem de Alexandre à Índia, da sua chegada a Taxila e encontro com Poro, mas também uma provável incursão até ao Ganges. Refere ainda as principais divindades entre os Macedónios, Hércules e Dioniso, os quais foram procurados e identificados na Índia sobretudo, em linha com as últimas interpretações, com Kṛṣṇa e com Śiva, respectivamente. No entanto, o A., aceitando a primeira, já que Kṛṣṇa é um deus apropriado para os reis e guerreiros, questiona a segunda, e bem, dada a possível inexistência de um deus “Śiva” por esta altura, salvo numa forma epitética de Rudra. Por fim, refere a fauna e flora registada pelos historiadores de Alexandre, comparando-os com as suas designações latinas e sânscritas.

A segunda parte, sobre Megástenes e a descrição da Índia, dá continuidade às identificações de Dioniso e Hércules de Arriano, Megástenes e Diodoro com figuras mitológicas *purāṇicas*. Sugere, depois, uma reorganização dos fragmentos de Megástenes, dividindo a obra em três partes: Geografia; Política e Sociedade; História, Religião e Filosofia. O A. defende que Megástenes, apesar de produzir uma narrativa especialmente inteligível para os Gregos, demonstra ter tido conhecimento da entrada dos Āryas e da cultura védica na Índia. Compara a *Índica* com o *Arthaśāstra* de Kauṭilya, e tenta compreender as sete classes sociais de Megástenes na divisão septenária do corpo político e não nos quatro *varṇas*, bem como a referência à inexistência de escravatura, falsa, de acordo com o que Megástenes viu. Descreve a idealização da Índia feita por Onesícrito e Megástenes que geraram as visões gregas sobre sociedades utópicas na Índia e no Sri Lanka. Dedicar um capítulo aos animais, como o elefante indiano, no tempo de Alexandre e de Seleuco I, as formigas que traziam ouro à superfície e o unicórnio nas fontes gregas e latinas, mas também as raças monstruosas, dando-nos a conhecer de que forma os Gregos imaginaram esta terra distante.

A terceira parte, sobre as interações, identifica os paralelos. O A. começa por falar do contacto de Alexandre com os gimnosofistas, associando os *Sarmanes* de Megástenes com os Budistas e os gimnosofistas com os Jainas, e apresenta uma comparação entre a filosofia grega e indiana à luz do hábito grego de procurar a Oriente a origem dos seus costumes, como fizeram Heródoto, Pitágoras e Demócrito. Depois, apresenta-nos vários estudos sobre a experiência grega do pensamento indiano, como a tripartição da alma ou a crença na reencarnação que, segundo o A., sendo relativamente

incomum a nível global e inexistente entre Babilónios e Persas, ganhou terreno na filosofia indiana e em pensadores Gregos como Pitágoras, Empédocles, Platão e Plotino, relativizando-se a influência egípcia. Estuda a estrutura do *Milindapañha*, não identificando nela nada do diálogo socrático, mas sim do prévio debate *upanisádico*, budista e também épico como, e.g., na *Bhagavadgītā*. O A. examina de forma crítica a obra de Wulff Alonso (*Grecia en la India*) em torno dos paralelos épicos. Neste caso, diz-nos, é provável que tenha havido um contágio, como no “concurso do arco pela mão de uma esposa”, e que uma narrativa *original* PIE tenha sido adaptada ao tempo e ao espaço, provocando diferenças ao nível do detalhe e que, se quisermos considerar que houve contágio, o mais provável é que os épicos homéricos e indianos tenham exercido influência uns sobre os outros e não apenas num sentido. O A. retira, assim, valor à tese de Alonso, defendendo que os gregos, ainda que em posição de conquistadores, nunca foram respeitados pela classe sacerdotal, nem a sua língua, já que foram vistos como *mlecchas* (bárbaros), nem a sua cultura, pois era vista como anti-*brāhmāṇica*, tal como, e.g., o Budismo. Como tal, em nenhuma circunstância os modelos gregos do tempo de Alexandre poderiam ter sido reutilizados pelos poetas indianos para a sua literatura épica. Identifica, depois, um maior impacte da religiosidade indiana sobre os gregos do que o contrário, baseando-se no exemplo do pilar erigido pelo embaixador grego Heliodoro, seguidor de Vasudeva (Viṣṇu). Apon-ta-nos a influência grega, sobretudo ao nível do conto e da arte, mais além do que a do Gandhāra, como em Mathurā e Ajantā. Termina, discutindo sobre o Apolónio de Tíana em Filóstrato para a compreensão de Taxila e explora o momento em que a Índia se torna mais familiar através das rotas comerciais dos Romanos.

A obra conta ainda com uma concordância dos fragmentos de Megástenes e um índice. É um importante contributo para a área dos estudos Indo-Gregos, sobretudo no que se refere ao tempo que se seguiu à presença de Alexandre na Índia, demonstrando-nos que as interações entre gregos e indianos foram dinâmicas e multilaterais.

Ricardo Louro Martins

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

NICOLE KRÖLL (2016), *Die Jugend des Dionysos. Die Ampelos-Episode in den «Dionysiaka» des Nonnos von Panopolis*. Berlin / Boston, Walter de Gruyter GmbH, 343 pp. ISBN 978-3-11-041920-7 (€ 123.95).

Sem dúvida bem menos conhecido do que Ariadne, Âmpelo é uma personagem mitológica que acabou por ter uma importância significativa na «biografia» de Dioniso. Com efeito, não raramente, lemos ou ouvimos dizer que, apesar de um deus ligado à desmesura, à fertilidade e à fecundidade – aspectos que muito provavelmente se manifestavam nos rituais e festivais em sua honra –, Dioniso é um deus quase casto, conhecendo-se-lhe relativamente poucas relações amorosas. Dessas, destaca-se, sem dúvida alguma aquela que os poetas e outros autores antigos lhe atribuíram com Ariadne, princesa cretense, filha de Mínos e Pasífae e irmã da malograda Fedra. Esquecida ou rejeitada por Teseu, em Naxo, Ariadne acabou por ser resgatada pelo deus da *mania*, que a ela se uniu naquela que é uma das grandes hierogamias mundo greco-romano. Apesar de enamorado de Ariadne,



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO

AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA